



Manuel J. Gandra ©

GLOSSÁRIO
de
PRÁTICAS MÂNTICAS

Arrengai o velho que não adivinha.
Velho que não adivinha não vale uma sardinha
TRADICIONAL

Adivinhação, adivinhança e adivinhamento são designações genéricas para o conjunto de técnicas tendentes à descoberta do futuro ou de factos ocultos.

Adivinha-se o futuro por meio de oráculos, sonhos e agouros.

Platão associa o método de comunicação directa por meio de um médium com uma loucura (*mania*) divinamente inspirada e exemplifica o processo com as sacerdotisas e profetas em Dodona e Delfos e com a Sibila (*Fedro*, 244b-c). Para o ateniense, *mantis* deriva de *mainomai* (*mania*).

Foi Cícero (séc I a. C.) o primeiro a ensaiar uma classificação sistemática das mancias (do grego, *manteia*), no *De Divinatione* (I, 11): distingue as naturais (de carácter profético ou alucinatório) das artísticas (aquelas que utilizam instrumentos catalizadores).

Na actualidade, Gwen Le Scouêzec propôs a ordenação seguinte:

1. *Profetismo* (intuição pura em estado de vigília);
2. *Vidência alucinatória* (estado alucinatório ou hipnótico, sendo de considerar os estados de transe e de sono);
3. *Adivinhação matemática* (Astrologia, Geomancia, Aritmomancia, etc.);
4. *Mântica da observação* (estados e comportamentos de seres animados ou matérias inanimadas);
5. *Sistemas Abacomânticos* (exclusivamente resultantes da manipulação de tábuas e oráculos).

Diversas são as fontes literárias latinas que descrevem as fórmulas proféticas e divinatórias dos diferentes povos hispânicos. Na Celtibéria são citados casos como os do chefe Olíndico que arregimentou muitos celtiberos, cerca de 170 a. C., "brandindo uma lança, que dizia enviada do céu, e adoptando a postura de um profeta" (*Flor.* 1,33, 14), mas também de sibilas femininas cujos oráculos anunciavam, como se depreende de uma passagem de Suetónio, "que um dia sairia de Hispânia o príncipe e senhor supremo" (*Galba* 9, 2). Por seu turno, Apiano (*Iber.* 85) e Plutarco (*Apoph. reg.* 16) escrevem que o exército romano que sitiava Numância fervilhava de adivinhos e magos à chegada de Cipião Emiliano, acrescentando que a soldadesca, desmoralizada pelas sucessivas derrotas sofridas ante a cidade celtibera, se entregava a práticas divinatórias.

Entre os Lusitanos a adivinhação requeria sacrifícios humanos, coincidindo os métodos de obtenção dos vaticínios com os dos druidas galos, a aquilatar pelos testemunhos de Posidónio (4, 4, 5) e Diodoro Sículo (5, 31, 3). Estrabão descreve-os (3.3.6) da forma seguinte: Os lusitanos "fazem sacrifícios [...] tiram presságios do pulso, das veias e entranhas das vítimas e do modo como tomba o corpo destas ao ser ferido pelo sacrificador. Amputam a mão direita aos inimigos vencidos e consagram-na aos deuses [...]". Presume-se que tais práticas hajam caído em desuso durante a época imperial. Já a adivinhação entre os galaicos,

mencionada por Sílio Itálico (3, 344-345), que consistia, designadamente, na observação do voo das aves (*augurium*) e no exame das vísceras (*fibrae*) e das chamas sagradas (e do raio), segundo fórmulas características da mântica etrusca, sobreviveu no Noroeste da Península até à era cristã, porquanto além de São Martinho de Dume (*De correctione rusticorum* 6 e *Cânone LXXI*) a ela se reportam o cânone 72 do Concílio II de Braga e o cânone 2 do Concílio XVI de Toledo.

A igreja Católica considerava a adivinhação (quer a profética, a astrológica ou a demoníaca, tb. denominada negromântica), a segunda de cinco espécies de superstição (sendo as restantes a idolatria, a vã observância, a magia e o malefício), atribuindo-lhe a categoria de pecado mortal, ou apenas venial, desde que não existisse pacto explícito, ou ainda em razão da simplicidade do praticante, “ou da ignorância invencível da gravidade dos pecados, ou da falta de total certeza de fé em algumas coisas [...]”. Em 1385, o Regimento do Senado de Lisboa interditava o lançamento de “[...] sortes, nem obra de adivinhamentos em alguma guisa que defeso seja por direito civil ou canónico”.

Ulteriormente, as *Constituições sinodais* haviam de dedicar bastas referências a tais práticas:

Coimbra (1521): “só a Deus compete saber as coisas escondidas” (LXXXII);

Évora (1534) - "nem lance sortes para adivinhar. Nem varas para achar haver. Nem veja em água ou cristal ou em espelho ou em espada ou em outra qualquer coisa luzente. Nem em espádua de carneiro, nem faça para adivinhar figuras ou imagens algumas de metal, nem de qualquer outra coisa. Nem se trabalhe de adivinhar em cabeça de homem morto ou de qualquer outra alimária. Nem traga consigo dente, nem barço de enforcado, nem qualquer outro membro de homem morto. Nem faça com as ditas coisas ou cada uma delas, nem com outra alguma semelhante, posto que aqui não seja nomeada espécie alguma de feitiçaria, ou para adivinhar ou para fazer dano ou proveito a alguma pessoa ou fazenda" (XXV, 1);

Braga (1639) - "Por várias vias se pretende adivinhar e alcançar o futuro, como é por feitiçarias, nigromancias, prestígios, arte mágica, agouros, sortes, encantamentos, invocação de espíritos malignos e por outros semelhantes modos abomináveis e reprovados pelo Direito em modo que, como por coisas suspeitas para a Fé, foram os culpados nelas castigados por Lei Divina. Mandamos com pena de excomunhão maior, *ipso facto incurrenda*, que nenhuma pessoa, assim eclesiástica, como secular, de qualquer estado, grau e condição que seja, e das mais penas adiante declaradas, use de adivinhações, por sorte reprovadas, por encantamentos, por agouros, nem por arte mágica, nem por invocação ou pacto com o demónio, feitiçarias, nigromancia ou por outro qualquer modo ilícito" (XLIX, 1);

Algarve (1674) - "E portanto proibimos sob pena de excomunhão maior que nenhuma pessoa use de encantamentos, adivinhações, sortes reprovadas ou de outras superstições para causar males ou os remediar, nem para mandar sobre as tempestades ou elementos" (V, 8).

Segundo uma crença antiga, apenas uma jovem pura (i. e., virgem) pode praticar com êxito certos rituais divinatórios, como, por exemplo, a sorte ou oração de São Simião [ANTT: Inq.

Évora, proc. Maria Rosa (1760), fl. 30v]. A expressão “ter um dedo que adivinha” deve ter-se originado na crença de que é possível adivinhar com os anéis (dactilomancia) que se usam num dedo, geralmente o mínimo da mão direita (aquele ao qual se atribui essa capacidade, embora nem sempre se especifique qual). Em Alvaiázere diz-se que ter em casa uma cabeça de cobra faz adivinhar.

Bibliografia: Mysterios do futuro: Tractado completo da arte de adivinhar, Lisboa, 1884 (2ª ed.) [trad. do francês; BN: SA 18245 P].

GLOSSÁRIO DE PRÁTICAS MÂNTICAS

A

Actinomancia

Estrelas.

Acultomancia

Agulhas (25 agulhas num prato sem que nenhuma delas seja cruzada; deitando-se água sobre elas, os grupos cruzados indicarão o número de inimigos).

Aeromancia

Arte de predizer o futuro, mediante a observação dos fenómenos atmosféricos (variações atmosféricas ou espectros evocados no ar).

Agouro

Termo de origem latina, *augurium*, com o significado de consulta das aves, e sinónima de *auspicium*. Presságio ou prenúncio de ocorrência futura, auspiciosa ou funesta. Os agouros deste tipo são os mais comuns, podendo assumir duas modalidades: agouros que anunciam um mal genérico e aqueles que pressagiam uma maleita particular. Exemplos: escutar o piar do mocho (morte próxima), encontrar tesouras abertas ou facas cruzadas (futuro aziago ou quebra da amizade), sentar-se alguém em cima de uma mesa (morte dos donos da casa), estalar a mobília (morte), entrar varejeira em casa (visitas), entrar besouro preto em casa (desgraça ou visita inoportuna, em Alvações do Corgo), entrar borboleta preta em casa (o mesmo em Vila Nova de Gaia), dormir com os pés voltados para a porta de entrada (morte, em Lisboa), pôr chapéu em cima de cama de mulher casada (gravidez), quebrar um espelho (transtorno para a casa), ter determinados sonhos, etc. No Sínodo de Lisboa, de 1403, são referidos como pecados antigos, cuja absolvição estava reservada ao bispo, a prática de sortes, adivinhações, agouros, esconjuros e encantamentos, a invocação de demónios por intermédio de escritos, o uso da hóstia consagrada para fins ilícitos, etc., ficando todos os praticantes das ditas acções sujeitos à pena de excomunhão (*Constituições* 3^a, 23^a e 24^a). A actividade de sorteiros, feiticeiros e adivinhadores é ainda censurada no *Livro das Confissões* de Martim Peres (cap. 53), nas *Ordenações Afonsinas* (livro 5, título 88), nos Sínodos de Braga, de 1477 (*Constituição* 46^a), do Porto, de 1496 (*Constituição* 25^a), da Guarda, de 1500 (*Constituição* 64^a) e de Braga, de 1505 (*Constituição* 22^a). As *Constituições do Arcebispado de Braga* (1639) proíbem a toda e qualquer pessoa que "tenha agouros e observe ou note os dias e horas em que começam os negócios, obras ou caminhos e serviços e saem de suas casas, esperando ou temendo, por essa razão, bom ou mau sucesso nas ditas obras, caminhos, serviços ou negócios [...]" (XLIX, 1). O Cid consultava frequentemente agouros (versos 11-13; 859 e 2615). Diversas serventes do *Cancioneiro da Vaticana*, uma de João Airas de São Tiago (CV, n. 1078), outra de Airas Peres Veiturom (CV, n. 1087), descrevem casos de agouros causados pela visão de um corvo, ainda outra de Pedro Amigo (CV, n. 1197) alude à observação das aves, ocorrendo igualmente um agouro tirado de espirrar ao deitar na cama (CV, n. 1197, v. 15). O *Livro de Linhagens do Deão – Riba Douro* regista o caso de Fernão Pires Farinquel "que catou bem os agouros" (*Portugaliae Monumenta Historica: Livros Velhos de Linhagens*, v. 1, Lisboa, 1980, p. 141). Ver *Religiões da*

Lusitânia (v. 3, p. 63s.) e *Etnografia Portuguesa* (v. 7, p. 39, 149 e 275). Couto Guerreiro: "[...] Agora contra mim se volta o touro, / Porfia que ave sou de mau agouro, / Que tudo quanto é ruim lhe prognostico" (*Sátiras*, p. 110); "[...] Aborreci como peste / Agoiros do tempo antigo: / Tu em agourento deste, / E agourento me fizeste, / Pois tenho agouro contigo" (*Epigramas*, p. 467). Diz-se que a Páscoa em Março é de mau agouro (Páscoa em Março, ou fome ou mortação), tal como chover em domingo de Páscoa: quando isso acontece, nesse ano, as nozes apodrecem todas (Gaia, Oliveira de Azeméis e Vila Real). Existem antídotos ou modos de evitar agouros: para a varejeira ou o besouro preto abandonarem a casa volta-se um banco de pernas para o ar, quem oferece palitos à mesa não casa, mas batendo com o pé no chão o agouro vai-se; duas pessoas que se lavem na mesma água brigarão, mas para evitar a briga basta cuspirem na água; derramar azeite é sinal de desgraça, enquanto entornar vinho significa alegria.

Bibliografia: MARTINS, Mário, *O Penitencial de Martim Peres, em medievo português*, in *Lusitania Sacra*, v. 2 (1957), p. 57-110

Alectromancia

Adivinhação realizada com um galo colocado no centro de um quadrado dividido em 24 quadrantes. A cada um desses quadrantes faz-se corresponder uma letra do alfabeto e um grão de milho. A ordem do debicar facultava a interpretação.

Aleuromancia

Adivinhação pela farinha espalhada no chão, interpretando os desenhos resultantes.

Alfitomancia

Sorte do pão de cevada, praticada a uma quarta ou sexta-feira. Esconjura-se o pão, invocando os demónios: "Eu te esconjuro com Barrabás e com Caifás, pão [colocando a mão sobre o pão], pela virtude que Deus em ti pôs que tu me declares se [isto ou aquilo] há-de ser assim ou não. Não me mintas que eu o hei-de saber" [BN: cod. 862, fl. 19v]. Ver critomancia.

Alomancia

Adivinhação pelo sal que se dissolve em água ou se faz crepitar no fogo.

Anniomancia

Sistema divinatório baseado na observação do saco membranoso que envolve a cabeça dos recém-nascidos.

Anemomancia

Direcção do vento.

Antropomancia

Adivinhação pelo exame das vísceras de seres humanos esventrados. Praticada pelos Lusitanos.

Apantomancia

Adivinhação baseada na aparição súbita e inesperada de pessoas, animais ou objectos.

Ariolomancia

Adivinhação por meio de ídolos.

Aritmomancia

Abarca uma grande diversidade de sistemas divinatórios baseados na manipulação dos números.

Armomancia

Adivinhação pelas espáduas de animais imolados.

Astragalomania

Adivinhação por intermédio de pequenos ossos assinalados com as letras do alfabeto. As respostas são obtidas mediante a combinação das letras. Também podem ser usados dados. Nesse caso, os números equivalem a letras, com as quais são formadas as palavras que servem de resposta.

Astrologia

Ver *Dicionário Histórico-Filosófico da Astrologia em Portugal* (no prelo).

Astrosia

Adivinha ou qualquer jogo de sorte ou fortuna em que se crê possam influir os astros.

Augúrio

Segundo uma crença muito comum nas comunidades tradicionais, o devir é determinado pela vontade dos deuses que podem aprovar ou reprovar as acções humanas. Um augúrio é um método divinatório que pressupõe a comunicação com a divindade para conhecer o seu desígnio. A noite de S. João é propícia à obtenção de augúrios, interpretando-se mais ou menos convencionalmente o resultado de certas operações, a mais conhecida das quais consiste em submeter a alcachofra ao fogo antes de colocá-la ao relento na tentativa de lhe suscitar o auspicioso reverdecimento.

Auspício

Do latim, observação (*spicere*) das aves, apesar da circunstância de as aves apenas constituírem um (baseado ora no canto, ora no voo) dos cinco tipos de auspícios, sendo os restantes quatro: 1. Sinais celestes, tais como a trovoada ou os relâmpagos (os mais importantes); 2. Sinais obtidos a partir do modo como as galinhas sagradas comiam (adoptados no concernente às expedições militares); 3. Sinais obtidos a partir do comportamento de quadrúpedes e répteis (nunca tomados relativamente ao Estado); 4. Sinais obtidos a partir de outros eventos distintos dos referidos. O auspício consubstancia um presságio, cuja finalidade consistia em determinar a vontade dos deuses relativamente a qualquer acção projectada. Em Roma, os auspícios eram tomados pelos magistrados, assistidos pelos áugures, sendo obrigatórios em determinados actos públicos (convocação de comícios, entrada em funções de magistrados, partida de exércitos, etc.). Para evitar conflitos, a alguns magistrados (ditadores, censores, consules, pretores) estavam reservados os auspícios maiores, enquanto a outros (edis, tribunos, questores) só auspícios menores, os quais não podiam ser tomados fora do *poemerium*. A um presságio desfavorável chamava-se *obnuntiatio*.

Axinomania

Machado de lenhador (junta-se uma pedra redonda de ágata).

B

Bactromancia

Varas de oliveira, loureiro e murta.

Belomancia

Flechas (escrevia-se numa a resposta favorável e noutra a desfavorável, misturando-se e tirando uma ao acaso).

Belioromancia

Sistema de adivinhação baseado na interpretação das imagens formadas em espelhos especiais.

Bibliomancia

Abertura ao acaso da Bíblia, lendo-se a primeira palavra sobre a qual a vista caia ou a primeira palavra da página aberta (repete-se três vezes, conjugando as palavras obtidas)

Biomancia

Pulso, respiração, cor da cútis, etc. de um recém-nascido.

Borras de café

Desenhos formados pelos resíduos de café fervido que assentam no fundo de um recipiente.

Botanomancia

Processo que consiste em inscrever perguntas e o nome do inquiridor em folhas de figueira, tamarindo e verbena, expondo-as ao vento. Somente as respostas das folhas que não voam são tidas por favoráveis.

Brizomancia

Deusa Brizo. Ver oniromancia.

C

Caodaísmo

Forma oriental de espiritismo, cuja doutrina sincretista foi criada em 1926. Dois médiuns, figurando os dois princípios *Yin* e *Yang* ditam as revelações do além.

Caomancia

Adivinhação baseada na observação dos elementos (chuva, orvalho, vento, etc.).

Capnomancia

Fumos de sementes de jasmim e de dormideira, constituindo o fumo pouco denso bom presságio.

Cartomancia

Por meio de cartas (32 ou 52), interpretando as sequências dos naipes e suas figuras e dignidades. Madame [Joséphine] Brouillard, famosa quiromante e cartomante transmontana (cf. Mário Saa, *A Invasão dos Judeus*, p. 246), dava consultas diárias (das 9 às 23 horas) no seu gabinete da Rua do Carmo, 43 (sobreloja), em Lisboa. Predisse a queda do Império do Brasil (cf. *Ilustração Portuguesa*, n. 185, 6 Set. 1909, p. 289-296).

Bibliografia: ANÓNIMO, *Significado das cartas, segundo a Bruxa da Arruda*, in *Jornal de Mafra* (5 Jun. 1891); SEJOUR, Victor, *A mulher que deita cartas* (Drama em 5 actos e prologo), Lisboa, 1865 [BN: L 10106 P]

Catoptromancia

Também haloscopia. Espelhos, superfícies brilhantes (escudo untado com azeite, nos *Acarnianos* de Aristófanos) e cristais. A lei de Dom João I contra a feitiçaria, publicada em 1403, proíbia terminantemente a busca de valores por meio de espelhos e demais artifícios similares. A contravenção era punida com açoites públicos e multa de 3000 reais. Gil Vicente reporta-se-lhe na *Farsa dos Físicos* (1512). Don Agustin, capelão da torre de São Julião (Lisboa), confessará ter dito missa sobre um espelho, recorrendo a nomes cabalísticos para fazer

adivinhações, prática aprendida com Angelo Musca, astrólogo residente em Lisboa [ANTT: Inq. Lisboa: proc. 13184]. Ver cristalomania.

Causinomania

Fogo. Quando os objectos lançados ao fogo não ardem é bom presságio.

Cefalomania

Brasas de carvão colocadas sobre a cabeça de um burro (germanos) ou de um bode (Lombardia).

Ceraunomania

Também ceraunosopia. Raio.

Ceromania

Cera derretida espalhada sobre uma mesa húmida ou vertida num recipiente com água. O mesmo que molibdomania.

Ciomancia

Consulta das sombras.

Cledomania

Palavras sussurradas ou ouvidas fortuitamente. Os movimentos do corpo humano têm valor afim (donde a importância atribuída à epilepsia, entendida como um mal sagrado, ou aos espirros, favoráveis quando escutados à direita, desfavoráveis à esquerda).

Cleidomania

Chave. Pode ser colocada dentro de uma Bíblia ou enrolada num papel no qual se escrevera o nome da pessoa suspeita de um crime: se o papel se desenrolasse seria considerada culpada.

Cleromania

Adivinhação por sorteio (empregada no canto sétimo da *Ilíada* para designar o campeão que relevaria o repto de Heitor): lança-se no solo ou sobre uma mesa um conjunto de pequenas lâminas de chumbo, pedras, búzios, caroços, ervilhas, favas, livros (em Roma, durante o Império) ou dados (o oráculo de Atena, em Skiron, na Ática). A *sorte das favas* foi muito vulgar em Portugal durante os séculos XVII e XVIII. Para a realizar, o operador (geralmente do sexo feminino) escolhia nove favas *fêmeas* e nove *machas*, às quais juntava um real de cobre e uma pedra pequena. Alguns acrescentavam um pau de lacre, um caco de porcelana, um migalho de cera, um búzio da Guiné e um pedaço de papel. Procedia, então, à “conjuração das favas”: “Minhas favas, minhas queridas, eu vos esconjuro não como favas, senão como pessoas, com Deus Padre, com Deus Filho, com Deus Espírito Santo, com a Santíssima Trindade, com o padre revestido quando quer dizer a missa e com el-aire e com a hóstia consagrada e com todos os santos e santas que na corte do céu há e com todos os esconjuros de Maria Padilha vos peço que me faleis verdade nisto que eu vos pergunto e quero saber” (cf. *O Livro das Santas Palavras*, Lisboa, 1804, p. 31). Prosseguia, lançando as favas nove vezes seguidas, enquanto enunciava o propósito divinatório. Algumas variantes preconizam certas orações, como, por exemplo, a de São Pedro e São Paulo, após a qual é imperioso sussurrar a fórmula: “Em nome de São Pedro e São Paulo, que tal coisa há-de ser fiquem juntas e se não apartadas”. Em qualquer dos casos, a resposta ao quesito é obtida pelo posicionamento relativo dos elementos divinatórios.

Coscinomania

Adivinhação recorrendo a uma peneira, crivo, balaio ou joeira que se faz girar em círculo. A mais antiga referência literária a uma adivinhadeira do crivo parece remontar a Teócrito (*Idílios*, III, 31: “dixit etiam Agroeo verum cribraria vates”). Da antiguidade da prática no

território nacional dão testemunho a *Chancelaria* de D. Afonso V [ANTT: liv. XXIX, fl. 245v] algumas *Constituições sinodais*, como as do arcebispado de Évora (1543, XXV, 1) e do bispado de Goa (1568, XXXI, 1). No séc. XVII, tem-se notícia dela por um processo inquisitorial estudado por Consiglieri Pedroso (*Contribuições para uma Mitologia Popular*, v. 2, p. 24). Pedro Fernandes Tomás (in *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, v. 1, p. 28) dá-a como ainda existente na Beira e José Leite de Vasconcelos (VIII. *Coscinomancia*, in *Etnografia Portuguesa*, v. 5, p. 590) conheceu quem a praticava no Alto-Minho, tendo averiguado pessoalmente, em casa de uma mulher de virtude a quem perguntara se se casaria, qual o procedimento usado: a benzedeira em causa “peneirou com uma peneira uma pouca de cinza no chão, e riscou lá, com o dedo, uma figura a que chamou impropriamente sino-saimão. Tomando novamente a peneira, pousou-lhe dentro, sobre o aro, um rosário, uma tesoura fechada e um vintém [...], e fixou-lhe por fora, também sobre o aro, segunda tesoura fechada, à qual enrolou outro rosário. À peneira assim disposta chama-se montada. Em seguida sentou-se diante de mim, benzeu-se e disse três vezes a seguinte oração, ao mesmo tempo que ela e eu segurávamos pela tesoura, cada um de nós em seu dedo, a peneira, que ficou pendente sobre o sino-saimão: S. Cipriano, S. Ciprianinho, / feiticeiro, feiticeirinho, / orelhas de burro, / falas com o diabo à meia-noite. / Declara-me aqui o que eu procuro: se este Senhor tem de ser casado logo, vira-te para ele; e senão , vira-te para mim. A feiticeira imprimiu um movimento de rotação à peneira, e esta ficou voltada para mim, acrescentando a feiticeira que eu era casado, ou estava para casar, asserções porém ambas falsas”.



A toda a operação descrita chama-se botar ou deitar a peneira. Leite de Vasconcelos transcreve ainda outra fórmula minhota de oração com o mesmo objectivo: “Peneira, assim como peneiraste o pão / Para toda a cristandade, / descobre-me esta verdade, / Pelas três pessoas da Ss. Trindade; / Em louvor do Ss. Sacramento, / Que me descubras a verdade” (idem, p. 591). No processo de Domingas da Conceição [ANTT: fl. 34v], em vez da tesoura, diz-se que se coloca uma tenaz sobre a peneira, fazendo-se rodar com o dedo indicador

metido no aro da tenaz (ou da tesoura), obtendo-se reposta afirmativa se rodasse para a direita, negativa se para a esquerda; a invocação era dirigida a São Pedro e São Paulo, Santo António e São Tiago, havendo também quem invocasse Maria Padilha, quadrilheira do Inferno, Barrabás, Satanás, Caifás e o diabo coxo. Tb. bruxedo da peneira.

Craneomancia

Crâneo.

Cristalomancia

Arte de adivinhar por meio de cristais, referida no *Genesis* (XLIV, 5). Le Roy Ladurie fala da "arte de S. Jorge", praticada em Aix-les-Thermes (*Montaillou, village occitan*, p. 580). Espelho e bola de cristal parecem encarnar a mesma função. A lei de D. João I contra a feitiçaria, publicada em 1403, proíbia terminantemente a busca de valores por meio de espelhos e demais artifícios similares. Ambos os crimes eram punidos com açoites públicos e multa de 3000 reais. Gil Vicente reporta-se-lhe na *Farsa dos Físicos* (1512). D. Agustin, capelão da torre de S. Julião, confessará ter dito missa sobre um espelho, recorrendo a nomes cabalísticos para fazer adivinhações, prática aprendida com Angelo Musca, astrólogo residente em Lisboa [ANTT: Inq. Lisboa, proc. 13184]. São três os tipos de espelhos mágicos: solares ou metálicos, lunares ou bolas de cristal e saturninos, compostos por discos defumados e sombrios. Adivinhação com Bola de Cristal [ANTT: Inq. Évora, processos 4728 (fl. 71r-v), 7956 (fl. 3r), 9028 (fl. 12v)]. A tradição dos Lapidários entronca no pressuposto do carácter mágico-astrológico das pedras preciosas e cristais. Paracelso afirma que o berilo (designação alternativa para a esmeralda) é um espelho ou cristal mágico onde as manifestações da Aura astral podem ser observadas pelos clarividentes. A expressão *arte berilistica* é sinónima de cristalomancia e de ver em água. Do berilo foram realizados os vidros dos primeiros óculos (séc. XIII), aos quais Bernardo de Gordon chamava, em 1305, *oculus berillinus*. Também catoptromancia. Adivinhação com bola de cristal [ANTT: Inq. Évora: processos 4728 (fl. 71r-v), 7956 (fl. 3r), 9028 (fl. 12v)].

Critomancia

Ver aleuromancia.

Cromiomancia

Cebola. Prática empreendida na véspera de Natal para conhecer a saúde dos ausentes ou o nome do futuro consorte.

D

Dactilomancia

Anel, especialmente fundido. Pode ser suspenso por um fio de seda, sobre uma mesa redonda na qual se escrevem as letras do alfabeto.

Dafnomancia

Segundo o modo como arde um ramo de loureiro (se crepitar é bom augúrio).

Demonomancia

Mediante demónio expressamente invocado para o efeito.

Dendromancia

Plantas e árvores.

E

Ecoscopia

Adivinhação baseada na observação das aparências exteriores dos edifícios. Xenocrates consagrou-lhe um tratado.

Engastrimancia

Ventriloquismo. Aos adivinhos de Apolo que ditavam oráculos sem mexer os lábios (emitindo-os a partir do seu ventre profético) dava-se o nome de engastrimandros.

Enomancia

Cor, odor e sabor do vinho. Interpreta-se o que ocorre quer durante uma libação, quer os reflexos por ela produzidos.

Enoptromancia

Espelho mágico que revela o futuro mesmo áqueles que têm os olhos tapados ou fechados. Ver catoptromancia e cristalomancia.

Esciamancia

Evocação da sombra dos defuntos (ou ectoplasma deles).

Esignomancia

Movimentos do pulso.

Espatulomancia

Ossos de animais

Esplacnomancia

Entranhas palpitantes das vítimas imoladas sacrificialmente

Espodomancia

Cinza dos fogo utilizado em sacrifícios

Estafilomancia

Lançamento de bagos de uva numa vasilha (o augúrio era obtido mediante o tempo que cada bago demorava a atingir o fundo)

Esticomancia

Sorte divinatória baseada na escolha ao acaso de uma poesia, cujo texto constitui o augúrio.

Estoiqueomancia

Abertura ao acaso de um livro clássico e leitura da primeira palavra ou linha da página. Ver bibliomancia.

Estolisomancia

Maneira de vestir e calçar ao levantar da cama (trocar os sapatos ou vestir roupa do avesso).

Extispício

Entranhas das vítimas. Praticada pelos etruscos. Ver antropomancia e ictiomancia.

F

Filoromancia

Adivinhação consoante o ruído produzido por uma pétala de rosa colocada sobre a testa do consulente.

Fisiognomancia

Espelho da alma e do corpo. Disciplina que estuda o carácter dos indivíduos pelas respectivas feições e pelo seu comportamento corporal. Criada, em 1619, por Robert Fludd e autonomizada por Lavater. Ver metoposcopia.

Bibliografia: PINA, Luís de, *Temperamentos e compleições: velhas e novas doutrinas populares e científicas*, in *Revista de Etnografia*, v. 4, t. 2, n. 8 (Abr. 1965), p. 245-270

G

Gastromancia

Adivinhação baseada na interpretação das imagens formadas pela refração da luz de velas em recipientes redondos transparentes, cheios de água. Ver hidromancia. Também designa a interpretação dos sons produzidos por lâminas metálicas ou por pedras lançadas num recipiente com água.

Gelosopia

Adivinhação pelo riso.

Geneomancia

Circunstâncias do nascimento de um indivíduo.

Genetliologia

Previsão pela observação dos astros. O mesmo que astrologia.

Geomancia

Também designada geocia e geoscopia. Literalmente, adivinhação pela terra. Arte divinatória aparentada com o *Feng-Shui* chinês e o *Fong-Thuy* vietnamita, os quais supõem que o céu, actuando como *natura naturans* se espelha na paisagem, passando esta a encarnar-lhe, por seu turno, as virtudes e propriedades. João de Barros refere-se à sua prática na região indiana de Quelim, província de Goa (*Década Terceira*). O seu objecto consiste na determinação das condições (expressas por 16 figuras resultantes do lançamento de sortes) que influem no relacionamento harmonioso do homem com o meio ambiente e, nomeadamente com os génios ou espíritos dos lugares que, além da sua vocação oracular, podem também assumir funções fertilizantes e terapêuticas. Os vestígios desta ancestral tradição da natureza zoomorfa ou animada parecem remontar ao paleolítico. O interesse generalizado pelos autores clássicos (Plínio, Varrão, Tácito, Plutarco, etc) - que descrevem, inspirados por fontes etruscas, aspectos da vida citadina e, particularmente, tratam o problema da fundação, dos ritos adequados, orientação e organização espacial da cidade, bem assim como o revivalismo vitruviano, cuja tratadística, baseada nos *Dez Livros de Architectura* e na tradição dos gromáticos latinos, sistematizara as operações fundamentais da arte geomântica - contribuiu para a sua recuperação e revalorização teórica a partir do renascimento. Bruneto Latino, Leonardo da Vinci, Nicolau de Cusa e Marsílio Ficino referir-se-ão à doutrina da natureza animada, tão expressivamente iconografada nas paisagens de Bruegel, Pieter Huys, Bosch, Mestre de Flémalle, Dieric Bouts. Será desnecessário encarecer a fortuna dos tesouros mouros ou guardados por mouros, para sublinhar o enorme apreço de que a geomancia gozou em Portugal: Francisco Barbosa foi relaxado em carne (19/5/1609) por prometer a descoberta de tesouros, para cujo fim se servia de um livro. No Auto-de-fé de 30/10/1724 saiu penitenciado

João Baptista de Roca (aliás Rocaforte), artilheiro piemontês, residente em Lisboa, por ser possuidor de um livro manuscrito "em que estavam várias notas, círculos e figuras que representavam os planetas", que dizia conducentes a achar tesouros escondidos e riquezas. Francisco Barbosa, "o tio Massarelhos", que sofreu garrote no Auto da fé de Lisboa (24/7/1735), jactava-se de descobrir tesouros guardados por doze mouros e doze mouras ricamente vestidos (cf. Isabel Cunha Rego, *Feiticeiros, Profetas e Visionários*, Lisboa, 1981, p. 90; ver igualmente o que consta no processo instaurado pelo Santo Ofício a Domingos Álvares, saído no Auto da fé, de 24 de Junho de 1744, e degredado para Castro Marim e, novamente, no de 20 de Outubro de 1749 [ANTT: Inq. Évora: maço 803, 7759; 11219, fl. 29v-30r]). Em 1403, uma lei de D. João I contra a feitiçaria proibia a procura de ouro, prata ou qualquer outro valor por meio de varas (lançar varas). D. Duarte, decerto fundado na reputação de vedores acreditados, caso de Martinho da Boémia (*História Insulana*) reporta-se-lhe quase apologeticamente (*Leal Conselheiro*). As *Ordenações Manuelinas*, por seu turno, consideram passível de multa de 3000 reais e açoites públicos a adivinhação por sortes (dados) ou por varas, também designada rabdomancia e descrita, entre outros locais, na Anacrisis I do *Adversus Fallaces et Superstitiones Artis hoc est Magia et Observatione Somniorum, et de Divinatione Astrologica* (Ingolstadt, 1591 e Londres, 1594) de Bernardo Pereira, na *Vara de Jacob* [BN: cod. 564] traduzida por Bento Falcão da Frota, a *Arte de vedoria util e necessaria para todos os que quizerem ter conhecimento do nascimento, curso e direcção das aguas* (Lisboa, 1840) do Padre Francisco António Marinho, o *Novo guia de védores* (Braga, 1859) do Padre João José Caetano, a *Arte de Descobrir Águas* (Porto, 1875: 3ª edição) ou a *Allegação juridica. Questão de aguas subterraneas, ou embargo de nova obra de mina, com os fundamentos de ir cortar as veias de outra mina mais antiga, e sobre os vedores d' agua, ou a arte e sciencia da vedoria; e se pode assim denominar-se, e da sua antiguidade no mundo, e escriptores antigos e modernos, estrangeiros e reinicolas que da materia tractaram, e lhe deram os preceitos tirados da experiencia, ou bebidos na tradição de Bento António de Oliveira Cardoso* (1806-?), Bacharel formado em Cânones pela Universidade de Coimbra e Advogado em Guimarães (*Gazeta dos Tribunaes*, 2924- 2927, 20, 22, 24 e 27 de Abril de 1861; ver também *A Água como se procura*, Porto, 1918; J. Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*, v. 5, Lisboa, 1982, p. 109-110. D. Francisco de Torres, *Economia General de la Casa de Campo*, Madrid, [1720]. No tomo I, cap. III, inclui os "Secretos para saber de las aguas, que se hallan quedas, se son mejores y mas permanentes"). No século XVIII, Madame Pedegache foi creditada com o dom inato "de ver o corpo humano, bem como o dos animais por dentro e outrossim o interior da terra a uma grande profundidade [...] Existe em Lisboa e nos arredores um grande número de poços que foram abertos por indicação desta mulher, que garantia onde e a que profundidade se encontrava a água abundante [...] e sempre se verificou com exacta precisão qualquer das suas previsões [...] O mesmo direi em relação à faculdade que tem esta senhora de ver no corpo humano as obstruções que se formam nas partes nobres ofendidas quando as pessoas se desnudam na sua presença" (Charles Frédéric de Merveilleux, *Memórias Instrutivas sobre Portugal*, in *O Portugal de D. João V visto por três forasteiros*, Lisboa, 1983, p. 162-165). Acrescenta ainda o autor da *Descrição da Cidade de Lisboa, de 1730*: "A sua vista penetra a terra no lugar onde há nascentes que ela descobre a uma profundidade de trinta ou quarenta braças, sem recurso a vara; diz com precisão o curso da água, a profundidade a que se encontra a nascente e distingue as cores e variedade das camadas de terra que existem sob a superfície. Este dom maravilhoso só o usufrui enquanto está em jejum [...] O Rei [D. João V] e os homens entendidos estão convencidos que não há impostura nestas manifestações e tanto

assim é que Sua Majestade lhe fez mercê, antes dela casar, do dom, que não é muito vulgar em Portugal, e do hábito de Cristo para seu marido [...]" (Idem, p. 47-48; indivíduos com os mesmos poderes, mas não beneficiando da protecção régia, foram perseguidos pelo Santo Ofício [ANTT: Inq. Évora, proc. 4165, fl. 32v; Inq. Lisboa, proc. 51]). Constituem reminiscências da prática geomântica: as lendas que apresentam animais como guias na eleição do local de fundação de templo ou povoação, a revelação em sonho da localização de relíquias de santos, imagens milagrosas, planta ou projecto para um edifício religioso, a mudança de localização dos alicerces, caboucos e ferramentas dos construtores durante a noite, a mudança de imagens que regressam aos locais onde primeiro haviam estado, o arremesso de objectos cujo local de impacto se torna sagrado, as peregrinações e procissões pelas extremas de um território ou em torno de uma povoação, templo ou paróquia, a reutilização para fins idênticos de locais consagrados por sucessivos grupos humanos, a orientação ritual de edifícios, o afeiçoamento de penedos e colinas conferindo-lhes forma humana ou animal, a protecção de portas e janelas e seu encerramento e abertura auspiciosa, os costumes de tomada de posse e lançamento da primeira pedra. Na *Ropica Pnefma* (Lisboa, 1532), João de Barros revela a sua familiaridade com o assunto: " E, que se não trate publicamente, também me sirvo da geomancia, por ser de menos custo e mais fácil de obrar" (Lisboa, 1983, II, p. 43). Num Tratado de sua autoria, o arquitecto régio António Rodrigues (séc. XVI) prescreve regras geomânticas tradicionais, entretanto divulgadas por obras que a interdição decretada pelos *Índices Expurgatórios* não conseguiu impedir de circular. Damião de Góis, por exemplo, possuía, de acordo com o processo que a Inquisição lhe moveu, um livro manuscrito, em língua italiana, intitulado *De Jomancia*, de autor desconhecido. Francisco Sanches, pelo seu lado, cita (*O Cometa do ano de 1557*, Lisboa, 1578, p. 154-155) o *De Figuris Geomantiae* de Joaquim Fórcio Ringelbergen (cf. *Opera*, Londres, 1556, p. 540-544. Consta do Index de 1551).

Giromancia

Pelo movimento de um círculo dividido em partes em que são inscritas as letras do alfabeto, as quais nomeiam o augúrio.

Glossomancia

Exame da língua.

Gonomancia

Sorte astrológica que procurava determinar o sexo do feto no útero materno.

Grafologia

Determinação do carácter por intermédio da escrita. Sexta disciplina da grafística, consoante a definição de Frétygn e da Sociedade Francesa de Psicossociologia.

Grafomancia

Adivinhação baseada na escrita.

Gramatomancia

Letras avulsas que se extraem ao acaso para formar palavras ou frases que constituem o augúrio.

H

Hepatoscopia

Pela observação do fígado das vítimas sacrificialmente imoladas: designadamente no que concerne à cabeça do fígado (atrofiada ou inexistente), à vesícula biliar e à veia porta. As marcas sobre o lado direito eram consideradas auspiciosas, enquanto as do lado esquerdo, malélicas, ao passo que uma vesícula tumefacta indiciava um aumento de poder e uma depressão da *porta hepatis* pressagiava uma diminuição de poder. Modelos de fígados em terracota foram encontrados em Babilónia, marcados com divisões oraculares com o objectivo de especificar o carácter dos prognósticos. Por seu turno, o Fígado de Bronze Etrusco, existente na Biblioteca de Piacenza, datável do séc. II ou III a. C., acha-se dividido em 16 partes, cada uma das quais colocada sob a influência de uma divindade ou de um dos quatro elementos. Ver extispício, hieromancia ou hieroscopia.

Heteromancia

Direcção do voo das aves.

Heteroscopia

Ver autoscopia.

Hidatoscopia

Pela água da chuva. Ver hidromancia.

Hidromancia

Virtude de ver na água ou, simplesmente, *ver em água*. A técnica varia consoante o operador, podendo assumir fórmulas distintas: por visualização em líquidos em ebulição (fervedouros); pelos padrões resultantes da mistura de líquidos de cores diferentes; pela forma como ocorre a integração de corpos na água. Em qualquer dos casos, é indispensável uma superfície líquida, em que incida um raio luminoso (sol, luz de vela, de lamparina ou de candeia), para a qual é lançado um punhado de sal. O saludador, curandeiro dos males hidrófobos (frequentemente do sexo masculino e, outrora, pastor), interpreta o fenómeno de refração sofrido pelo raio luminoso, vendo nas cores assumidas pelo líquido o futuro e os achaques ou feitiços (bichos) que afligem os seus consulentes. Frei Manuel de Azevedo alude aos saludadores que "usam da 2ª espécie de Arte Mágica a que chamamos hidromancia, a qual sem pacto tácito ou expresso se não pode exercitar; e com este pacto obrigado, o diabo lhes figura na água as imagens e semelhanças das coisas que querem saber [...]" (*Correcção de Abusos introduzidos contra o verdadeiro método da Medicina*). Confessa ainda que viu alguns adivinhar usando um alguidar de água clara ou espelho. Hidromantes na Inquisição: Maria Afonso, residente em Santarém, presa em 1513; Isabel Brás, moradora no termo de Monforte, no séc. XVI; Pero Bermudes; adivinhador anónimo do Recife (Brasil), denunciado, cerca de 1728, por Faustino de Abreu; Manuel Colaço, em 1744 e Dona Paula Teresa de Miranda Souto Maior, íntima de Dom João V, processada por feitiçaria. No seu testemunho, prestado perante o Santo Ofício, Maria Fialha refere-se à *devoção de São Damião*, a qual preconizava a armação de altar, na forma tanto quanto possível idêntica àquela onde se celebrasse missa. Ao centro, arremedando o sacrário, colocava-se um urinol meio de água e, ao lado, um retábulo do santo. A devoção principiava pelo terço e prosseguia dizendo-se: "Este rosário que aqui tenho rezado de padre-nossos e ave-marias com *gloria patri* vos ofereço, santo, pelo hábito que vestistes, pelo bordão que levastes, pelas sandálias que calçastes [...]. [...] assim mostrai santo,

neste urinol, a pessoa ou as pessoas que [...] maleficiaram, roubaram, mataram ou, prevendo o futuro, morrerão, vencerão, isto é, praticaram ou praticarão este ou aquele acto, sofreram ou sofrerão esta ou aquela vicissitude” [ANTT: Inq. Évora, proc. Maria Fialha, fl. 42-44]. A hidromancia pode assumir as formas de adivinhação: por visualização em líquidos em ebulição (fervedouros); pelos padrões resultantes da mistura de líquidos de cores diferentes; pela forma como ocorre a integração de corpos na água. Ver aeromancia, gastromancia, lecanomancia, hidatoscopia e pegomancia. Também higromancia.

Hieromancia

Também hieroscopia. Observação das entranhas das vítimas ritualmente imoladas (cordeiros, cabras e veados).

Higromancia

Ver hidromancia e radiestesia.

Hipnomancia

Sonhos. A *incubatio* (incubação) que se realizava no Santuário de Endovélico, em São Miguel da Mota (Alandroal).

Hipomancia

Observação dos relinchos e movimentos de cavalos brancos.

Horoscopia

Configurações astrais na ocasião do nascimento.

I

Iatromancia

Augúrio baseado na observação do comportamento instintivo de um doente.

Ictiomancia

Adivinhação por intermédio da observação das entranhas e do comportamento dos peixes.

Incubação

Prática divinatória que suscitava a aparição em sonho de uma divindade para dela obter uma revelação ou uma cura. Era praticada no Santuário de Endovélico, em São Miguel da Mota (Alandroal). Ver hipnomancia.

L

Lacomancia

Dados.

Lampadomancia

Também licnomancia. Adivinhação pela chama de um archote, tocha ou lâmpada de azeite (chama unida: bom presságio; chama dividida: mau presságio).

Lecanomancia

Ver gastromancia.

Libanomancia

Pela forma e direcção do fumo do incenso.

Licnomancia

Intensidade, configuração, vivacidade e cor das labaredas durante um sacrifício. Ver lampadomancia.

Litomancia

Por intermédio de pedras que se atiram umas contra as outras para formar figuras ou são lançadas sobre uma mesa com o mesmo objectivo. A *sorte das pedras* foi um dos prognósticos mais vulgares durante os séculos XVII e XVIII em Portugal. Obrigava a recolher nove pedras de nove adros de nove igrejas diferentes, oriundas de nove túmulos, e à invocação de um defunto que respondesse às interrogações formuladas. Impunha um pacto expresso com Satanás que, eventualmente, poderia manifestar-se sob a aparência de um vulto negro [ANTT: Inq. Lisboa, proc. n. 834, fl. 22v].

M**Margaritomancia**

Por intermédio de uma pérola (*margarita*, em latim) fina metida numa panela. Diz-se que a pérola saltaria no interior da panela mal fosse pronunciado o nome do indivíduo ou da coisa associados à questão que suscitara a consulta.

Meteoromancia

Raios, chuvas, aerolitos, fogos-fátuos ou de Santelmo, etc.

Metoposcopia

Sistema fisiognomântico proposto por Jerónimo Cardano para interpretar os caracteres e os destinos a partir das linhas e das rugas da fronte.

Miomancia

Pelo ruído produzido pelos ratos enquanto roem.

Molibdomancia

Adivinhação pelo chumbo ou estanho fundidos, vertidos num recipiente com água. Os procedimentos para exame e interpretação das figuras resultantes é comum à ceromancia.

N**Neciomancia**

Forma arcaica de necromancia, também denominada ciomancia ou consulta das sombras, as quais se manifestavam apenas após terem bebido o sangue de um animal imolado.

Necromancia

Invocação e consulta dos espíritos dos mortos para conhecer o futuro (Ulisses na *Odisseia* e sombra de Dário, em *Os Persas* de Ésquilo). Ver nigromancia.

Nigromancia

Também *necromancia*. Adivinhação por meio da invocação dos mortos, prática proibida por Saúl (1 *Samuel*, 2, VIII, 3). Difere do espiritismo, porquanto este não se serve das almas defuntas para fins divinatórios como aquela. Gil Vicente: *Auto da Fé* (1510); *Exortação da Guerra* (1513): um frade nigromante evoca diabos para que estes lhe tragam Aquiles, Policena, etc.

[ANTT: Inq. Coimbra, proc. 1011, 1046, 3263, Inq. Évora, proc. 5157, 8922; Inq. Lisboa, proc. 3700, 5158].

Nomancia

Valor numérico das letras.

O

Ofiomancia

Serpentes.

Omoplatoscopia

Adivinhação baseada na observação da omoplata de uma ovelha ou de um cordeiro sacrificado e grelhado sobre brasas.

Onfalomancia

Cordão umbilical do primeiro filho de uma mulher (o augúrio consiste no cálculo do número de filhos que se seguirão).

Onicomancia

Sistema divinatório fundado na observação das unhas e das manchas ou figuras que apresentam.

Oniromancia

Interpretação dos sonhos resultantes da *incubatio* (ver incubação) tal como era praticada no Santuário de Endovélico, em São Miguel da Mota (Alandroal). Aos praticantes chama-se onirópolos e oniromantes. Ver hipnomancia.

Onomancia

Adivinhação pelos nomes próprios. Também praticada sob a forma de onomancia anagramática, método que consiste em decompor o nome de um indivíduo para formar com as respectivas letras palavras susceptíveis de possuir algum sentido divinatório.

Oomancia

Também ooscopia. Sistema divinatório criado por Orfeu.

Ooscopia

Adivinhação com água e um ovo na véspera de S. João [*Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará*, p. 184-185]. O augúrio obtém-se a partir da observação da dimensão, cor e forma das figuras formadas pela clara que é lentamente vertida para um recipiente com água. No século XIX, Mlle. Lenormand revelou-se exímia praticante desta mancia.

Ornitomancia

Sistema divinatório, cuja criação anda atribuída a Tirésias, baseado no canto, voo, ninho e comportamento das aves.

P

Palmomancia

Actos espontâneos de um indivíduo são. Ver iatromancia.

Patognomónica

Dedica-se ao estudo das paixões para conhecer o carácter dos indivíduos e o seu futuro.

Pegomancia

Espécie de hidromancia. Água das fontes às quais são lançados determinados objectos (o augúrio extrai-se dos movimentos da água e do grau de fluutuabilidade dos ditos objectos).

Petimancia

Alternativas do jogo de damas.

Piromancia

Também piroscoopia e pirologia. O mesmo que *ignispicium* (latim). O presságio retira-se da observação da forma como ardem as coxas das vítimas imoladas e do aspecto do fumo. Em antas junto de Pinhel depunham-se (1940) as primícias das colheitas e queimavam-se como em pira. Conforme a direcção do fumo, assim o oráculo de boa ou má colheita. Também praticada na variante de piromancia vegetal: incenso, farinha de cevada ou ramos de loureiro (dafnomancia). João de Barros refere-se à prática da piromancia na região indiana de Quelim, província de Goa (*Década Terceira*). Ver piroscoopia.

Piroscoopia

Forma de piromancia que consiste em queimar um documento num prato de porcelana branca e interpretar as manchas resultantes.

Pisomancia

Ver cleromancia.

Podomancia

Pelos pés.

Promancia

Direito de consultar o oráculo antes da respectiva vez, prerrogativa de que gozavam os embaixadores atenienses em Delfos.

Psefomancia

Ver cleromancia.

Psicomancia

Adivinhação mediante a evocação das almas dos mortos. Ver necromancia e nigromancia.

Q

Quirognomia

Investiga o carácter pelo estudo da mão. Ver quirologia.

Quirologia

Sistema que se dedica ao estudo das relações da configuração da mão com o carácter do indivíduo a quem ela pertence.

Quiromancia

Adivinhação pelos sinais e linhas patentes nas mãos. A prática da quiromancia remonta a uma antiguidade remota, não obstante seja impossível determinar a sua origem. Na Índia a literatura quirológica data do período védico, cerca de 2000 a. C. (*Vashishta*, regra 21 e *Leis de Manú*, VI, 50). No Ocidente são conhecidas duas referências no início da era cristã, uma na

História Natural de Plínio e outra, crítica, de Juvenal. Os quirólogos citam a Sagrada Escritura, alegando que em *Job* (XXXVII) e em *Provérbios* (III, 16) se acham explícitas alusões à sua arte. Alguns tratados atribuem a Avicena a paternidade da introdução da quiromancia no Ocidente. É provável que tenham razão e que ele o tenha feito por via dos seus comentários a Aristóteles, no entanto, quando isso aconteceu a quiromancia era tributária da medicina e da astrologia. Os primeiros manuscritos conhecidos no Ocidente datam dos finais do século XII, inícios do XIII (Museu Britânico e Biblioteca Bodleiana). Todos tratam a matéria como se ela remontasse à mais alta antiguidade. Os mais simples apenas mencionam três linhas principais: do destino, da cabeça e da vida, as quais formavam invariavelmente um triângulo. Na palma de cada ente via-se o símbolo vivo da Trindade e em cada linha o reflexo das qualidades de cada uma das três Pessoas, relacionando-se cada uma dessas três linhas com um dos três princípios aristotélicos: *vegetabilis*, a vida incontrolada, vegetativa; *sensibilis*, as emoções instintivas; *rationabilis*, o pensamento. A partir de quinhentos a quiromancia ganha novos contornos, em parte devidos à forma como passa a ser tratada por um número crescente de autores. Um édito de Henrique VIII lança o opróbio sobre ela em Inglaterra, onde é considerada, decerto em consequência de abusos cometidos pelos ciganos, um "astucioso meio de enganar as pessoas". No continente sofre ataques igualmente, de entre os quais se salientam as condenações dos canonistas e do Papa Sisto V, bem como os desferidos pelo Santo Ofício. Em Portugal, a ironia de que Gil Vicente (*Farsa das Ciganas*, 1521) usa ao retratar os imaginários, nome pelo qual o povo trata os prognosticadores que lêem a sina, foi convertida pelo Santo Ofício em perseguição sem quartel, designadamente, no que concerne à literatura: são incluídos nos *Índices Expurgatórios* todos os livros impressos e manuscritos sobre Quiromancia, alguns dos quais surgirão expressamente nomeados, a saber: *Liber Chiromantiae* e *Anastasis Chiromantiae ac Physionomiae* de Bartolomeu Coclés, ou Andrea Corvo de la Mirandola (Índices de 1559, 1561 e 1597); as obras de João Indagine (índices de 1559, 1561, 1564, 1581 e 1597); o *Chiromantia* de Patritio Tricasso ou Tricássio de Mântua (Índices de 1559, 1561 e 1597); etc. Uma quiromante célebre, Clara de Oliveira seria igualmente ouvida pelo Santo Ofício, em 1578 [ANTT: Inq. Lisboa, proc. 12607]. A primeira metade do século XVIII assistirá aos seus derradeiros sobressaltos eruditos. O Padre Ignácio Vieira é autor de um tratado de *Chiromancia* [BN: cod. alc. 4324] o qual consigna as lições que proferiu no Colégio de Santo Antão (Lisboa), em 1712. Num processo da Inquisição de Évora ocorre referência a um livro intitulado *Talaveira* (?). A Luiz de la Peña [ANTT: Inq. Évora, maço 841, proc. 8179], António da Costa [Cartapácio pequeno "que tratava da quiromancia judiciária", copiado de um emprestado por Brás Sarmento] e Frei Diogo de Murça [ANTT: Colégio de S. Jerónimo de Coimbra, v. 3, doc. 11, fl. 398-404] seriam confiscados manuscritos, decerto idênticos aos outros nunca atingidos por tal adversidade, que integram o acervo de uns quantos arquivos e bibliotecas nacionais. Tal é o caso da Biblioteca do Palácio de Mafra, em cujo acervo excepcional se contam, entre outros: Jean Taisnier (*Opus mathematicum*, 1583 [BPNM: 2-51-13-3]); Rudolfo Goclenius (*Aphorisma Chiromantica*, 1592 [BPNM: 2-51-4-16]); Robert Fludd (*Utriusque cosmi historia*, 1619 [BPNM: 1-51-13-6-7]); Giambattista della Porta (*De Humana Physiognomia, libri V*, 1650 [BPNM: 2-37-6-28], *De la Fisionomia di tutto il corpo umano* [BPNM: 2-31-7-9], *De Coelestis Physiognomiae libri VI*, 1650 [BPNM: 2-31-7-28]); João Pretorius (*Ludicrum Chiromanticum seu Thesaurus Chiromantiae*, 1661 [BPNM: 2-51-4-16] antologia de valor inestimável, incluindo obras de Fludd, Nicolau Pompeu, Goclenius, Hoeping, Ingeber,

Porta, Coclès, Cardano, Indagine, Vossius, etc.); Martin Cureau de la Chambre (*L'Art de connaître les hommes*, 1662 [BPNM: 2-35-9-6], *Nouvelles observations et conjectures sur l'iris*, 1662 [BPNM: 2-37-7-21 e 2-40-3-13], *Les Caracteres des Passions*, 1661, 5 vols. [BPNM: 2-35-9-1 / 5], *Discours sur les principes de la Chiromantie*, 1653 [BPNM: 2-25-12-27], etc.).

Bibliografia: ANÓNIMO, *Chiromância ou arte de conhecer a sorte futura pelas linhas e veios das mãos*, Lisboa, s. d.; ANÓNIMO, *Novo tratado fysionomico ou arte de conhecer pelo rosto os constitucionaes e os pedreiros livres illuminados [...]*, Lisboa, 1823; ANÓNIMO, *Tratado de Quiromância* [BN: cod. 7782]; ANÓNIMO, *Fisiognomia da mão* [BAjuda: 49-III-20, nº 8]; ANÓNIMO, *O vosso futuro ou a leitura da vossa vida pela cartomancia, astrologia e quiromancia*, Lisboa, Liv. Barateira, 1929 [BN: L 23104 (20º) P]; ANÓNIMO, *Divinação do Futuro: astrologia e quiromância*, Lisboa, 1907; ANÓNIMO, *Chiromancia: o nosso destino escripto nas nossas mãos*, in *Ilustração Portuguesa*, n. 185 (6 Set. 1909), p. 289-296; CASTRO, Padre João Bautista de, *Pecúlio VII ou collecção de varios papeis curiosos proprios e alheyos*, 1751 [BPÉvora: cod. CXII / 2-7]: inclui *Da Fisonomia* (fl. 434-436v); CIGANA GERIBUNDA, *Lições curiosas da eschola theorica e pratica de Chyromancia ou sciencia [...] que explica os destinos pelos traços da palma da mão [...]*, Lisboa, 1839; COELHO, António Nunes Moniz, *Tratado de chyromância explicado pelo P[adr]e M[estr]e Ignácio Vieira da Companhia de Jesus Lente da Mathematica no Collegio de Sto Antam no anno de [1]712 e apostilado pelo Doutor [...]* [B.ConvArrábida: ms. dedicado a D. João V, cat., n. 1202, p. 317]; CUNHA, Daniel da Silva Pereira e, *Arte fysionomica: [Estrahida] de varios auctores*, Coimbra, Tip. Rua dos Coutinhos, 1825; FONTES, Hermes, *Quiromancia (poema do livro Genese)*, in *Ilustração Portuguesa*, n. 400 (20 Out. 1913), p. 435; LACINIUS, *A verdadeira chave dos sonhos, contendo a interpretação de todas as visões, um tratado da arte de adivinhar as paixões pela configuração do craneo, os meios de conhecer o character e as paixões das damas [...]*, Lisboa, 1888 (tradução do francês por Cunha e Sá?); *LIVRO DAS CONFISSÕES e reconciliações que se fizerão na Visitação do Santo Ofício do Salvador da Bahia de Todos os Santos* (11 de Setembro de 1618), in *Anais do Museu Paulista*, v. 17 (1963), p. 446-448; PEDROSO, Consiglieri, *As Superstições populares num processo da Inquisição*, in *O Positivismo*, v. 3 (1881), p. 184-206; POLEMON, *Fisionomia de [...]*, s. l, s. d. (séc. XVIII); RIVARA, J. H. da Cunha, *Carta-Notícia Romantizada do Processo de Luiz de la Penha*, in *Panorama* (1840), p. 12; ROLANDO de Lisboa, *Opus de Physiognomia (Tratado de Fisiognomia)* [BA: 52-XIII-18]; VERON, Pierre, *A chiromância de sala*, in *Jornal de Domingo* (15 Jun. 1884)

R

Rabdomancia

Também vedoria e radiestesia. Sistema que emprega uma vara, frequentemente de aveleira, para detectar jazigos minerais e nascentes aquíferas.

Radiestesia

Faculdade que permite detectar radiações electromagnéticas recorrendo a uma vara (rabdomancia) ou a um pêndulo.

Rapsodomancia

Prática divinatória que consiste em abrir ao acaso um livro de poemas e interpretar os versos assim eleitos. Também praticada sobre a Bíblia.

Retroscopia

Vidência relativa ao passado.

S**Sicomancia**

Rebentos e folhas de figueira agitados de noite pelo vento.

Sideromancia

Sistema divinatório baseado na interpretação do movimento de pedaços de palha lançados em número ímpar sobre um ferro incandescente.

T**Tefromancia**

Cinzas das vítimas sacrificialmente imoladas, espalhadas sobre uma tábua exposta ao vento.

Teomancia

Santo Nome de Deus.

Teratoscopia

Fenómenos naturais tidos por milagrosos e prodigiosos.

Tiromancia

Prática divinatória em que emprega o queijo.

U**Uromancia**

Urina.

X**Xilomancia**

Madeira.